

Compaixão é ouvir



Compaixão é ouvir aquele que sofre como Deus o ouve

Ouvir como Deus ouve é impossível; afinal Ele é onisciente. Mas é por isso mesmo que precisamos nos aproximar da pessoa que sofre. Para ouvir é preciso chegar mais perto.

À medida que nos aproximamos, algo estranho acontece: nós começamos a mudar. Começamos a entender a maneira como a pessoa encara as coisas. Talvez esteja errada em suas conclusões, mas suas idéias já não soam tão absurdas para nós.

Fiquei sabendo que os homens de um bairro periférico de Viçosa (MG) — onde mantemos um trabalho voltado às mulheres — não gostam que suas companheiras trabalhem fora de casa. Mas como? A renda extra certamente ajudaria no orçamento familiar.

Mas a percepção desses homens é que, quando uma mulher começa a trabalhar fora, logo arruma outro homem. Nesse bairro há vários casos de mulheres que, ao se cansarem de um casamento conflituoso, buscaram o emprego como meio de escape. Assim que o conseguiram, mandaram seus companheiros embora. Talvez a idéia fixa de que a mulher, uma vez empregada, busca um relacionamento adúltero seja absurda para nós.

Mas, pensando bem, da perspectiva desses homens, esse raciocínio — ainda que errôneo — tem alguma lógica.

A escuta nos permite também descobrir onde a pessoa está em seu processo de desenvolvimento, em que mentiras acredita sobre si mesma, sobre os outros e sobre Deus. Sente-se culpada pelo próprio sofrimento ou sente-se vítima? Acredita que Deus a está punindo deliberadamente ou que Ele a abandonou?

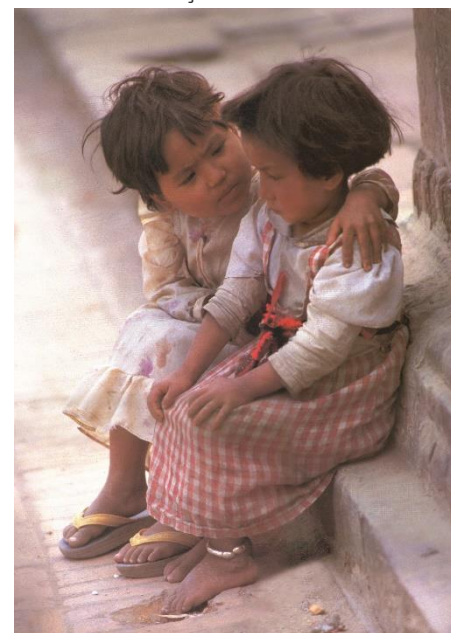
Quando pensamos em crianças e adolescentes, o esforço na escuta precisa ser redobrado. As crianças muitas vezes nos “lêem” e dizem para nós o que gostaríamos de ouvir. Esse “ouvir” tem de se estender a uma observação mais cuidadosa.

Precisamos buscar em seu comportamento revelações sobre seu mundo interior, sobre o que se passa em seus corações. Conheci o David* num dia em que fui tirar fotos das crianças na creche. Fiquei impressionada com a sua aparência apática. Ele não encarava ninguém, não tinha brilho nos olhos, mantinha a boca numa posição estranha, parecia uma criança portadora de deficiência mental. De vez em quando ele se transformava e tal era o seu comportamento anti-social, que alguns chegaram a levantar a hipótese de que o menino estava endemoninhado. Foram feitas visitas à família para constatar aquilo de que já suspeitávamos: muita negligência, abandono e miséria. Finalmente conseguimos atendimento psicológico para ele. O psicólogo logo diagnosticou: não faltava inteligência, que na verdade estava sobrando. O que faltava era vínculo afetivo. Hoje, David frequenta o centro estudantil por vontade própria, sai-se muito bem em matemática e outro dia foi visto dando conselhos a um colega rebelde!

Por que falamos demais e ouvimos de menos? Porque queremos evitar a todo custo sentir o sofrimento do outro. Corremos daqui para lá buscando “consertar” a situação. Mas evitamos ao máximo entrar na tristeza, na dor, no sofrimento da outra pessoa. Por fim, a escuta é terapêutica. Todos nós, crianças, adultos e idosos, homens e mulheres, ricos e pobres reagimos muito bem quando alguém nos empresta seus ouvidos de forma amiga e carinhosa.

Por Elsie B. C. Gilbert

Origem: Revista Mãos Dadas. Edição 9.



Vejamais: Compaixão é Falar.